

A INTERTEXTUALIDADE COMO CARACTERÍSTICA ESSENCIAL PARA O HUMOR, CRÍTICA SOCIAL E COMPREENSÃO DAS TIRINHAS DA MAFALDA E ARMANDINHO

INTERTEXTUALITY AS AN ESSENTIAL CHARACTERISTIC FOR HUMOR, SOCIAL CRITICISM AND UNDERSTANDING OF MAFALDA AND ARMANDINHO COMIC STRIPS

Camila Karen Araújo Rodrigues (UFPI)¹

RESUMO: O artigo investiga a intertextualidade como característica essencial para o humor, crítica social e compreensão das tirinhas da Mafalda e Armandinho. Para isso, foram elencados estudos sobre o gênero Tiras em Quadrinhos e Intertextualidade, buscando localizar as fontes dos textos originais, para análise destes textos inseridos como intertextos nas tiras. O *corpus* desta pesquisa é constituído por 3 (três) tirinhas da Mafalda, retiradas da obra “Toda Mafalda”, de Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino, e 3 (três) tiras do Armandinho, retiradas da página do *Instagram* que contém as tiras publicadas pelo cartunista Alexandre Beck. Para a análise, foi adotada a perspectiva da intertextualidade explícita e implícita, compreensão de textos e construção de sentidos, abordada por Koch (1994; 2007; 2018) e Vanda Maria Elias (2018), e construção do humor pela perspectiva de Ramos (2007). A partir da análise do *corpus*, constatou-se que a intertextualidade presente nas tiras é usada como recurso para causar humor e também realizar uma crítica social. Nessa perspectiva, com base em Antunes (2017), verificou-se que o intertexto inserido na tira passa pelos processos de recapitulação, remontagem e reenquadramento, visto que o intertexto retoma outro texto para buscar nova visão e adequá-la, para construir um novo sentido para o intertexto e compreensão final da tira. Além disso, o humor e a crítica social são validados se o leitor tiver conhecimento enciclopédico. Para aprofundamento da pesquisa, os estudos também se basearam nos argumentos de autores como Frasson (1992), Ramos (2007), Ferreira (2010), Cavenaghi (2011) e Catto (2012).

Palavras-chave: Intertextualidade, Linguística textual, Tirinha, Mafalda, Armandinho.

ABSTRACT: This article investigates intertextuality as an essential characteristic for humor, social criticism and understanding of Mafalda and Armandinho comic strips. Therefore, studies on the genre Comic Strips and Intertextuality were listed, seeking to locate the sources of the original texts, for analysis of these texts inserted as intertext in the strips. The research corpus consists of 3 (three) Mafalda strips, taken from the work “Toda Mafalda”, by Joaquín Salvador Lavado, known as Quino, and 3 (three) Armandinho strips, taken from the Instagram page that contains the strips published by cartoonist Alexandre Beck. For the analysis, the perspective of explicit and implicit intertextuality, text understanding and construction of meanings was adopted, discussed by Koch (1994; 2007; 2018) and Vanda Maria Elias (2018), and construction of humor from the perspective of Ramos (2007). From the corpus analysis, it was found that the strips' intertextuality is used as a resource to cause humor and also conduct social criticism. In this perspective, based on Antunes (2017), it was found that the intertext inserted in the strip goes through the processes of recapitulation, reassembly and reframing, since the intertext resumes another text to seek a new vision and adequate it, to build a new meaning for the intertext and final understanding of the strip. Furthermore, humor and social criticism are validated if the reader has encyclopedic knowledge. For further research, studies were also based on the arguments of authors such as Frasson (1992), Ramos (2007), Ferreira (2010), Cavenaghi (2011) and Catto (2012).

Keywords: Intertextuality, Textual Linguistics, Comic Strips, Mafalda, Armandinho

Introdução

Na década de 1960, os estudos iniciais sobre quadrinhos e, por conseguinte, tiras retiradas de histórias em quadrinhos foram rejeitados pela comunidade científica, que considerava os quadrinhos como “lixo cultural” e desqualificava o novo objeto de análise. O jornalista, professor e pesquisador José Marques de Melo foi um dos primeiros a se interessar pelos estudos sobre quadrinhos, reunindo um

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: camilakare2@yahoo.com.br

grupo para realizarem pesquisas na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo. Nos anos 1970, estes estudos foram transferidos para a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sendo impulsionada a criação de uma disciplina sobre história em quadrinhos (RAMOS, 2007). Ramos (2007) diz que Cagnin (1975) “define a imagem e o texto como elementos constituintes da linguagem” e que, a partir de tal definição, passou-se a ser realizada uma minuciosa descrição dos quadrinhos.

Segundo Ramos (2007), na década de 1990, houve dois motivos que influenciaram a análise mais detalhada, sendo estes: a inclusão da linguagem dos quadrinhos nas práticas pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN e a presença dos quadrinhos nos exames vestibulares. É nesse contexto que as tirinhas vêm sendo usadas atualmente, nas práticas pedagógicas e nos exames vestibulares. Porém, há várias outras motivações que levam as tirinhas serem usadas em sala de aula, entre estes outros motivos pode-se destacar o uso dessas tirinhas como meio de construção da opinião crítica dos leitores.

Assim como os estudos sobre o gênero tira em quadrinho, os estudos sobre a intertextualidade também se iniciaram na década de 1960, a partir da Linguística Textual, sendo a intertextualidade tratada como fator de textualidade. Para Koch (1994), o texto é objeto de investigação da Linguística Textual. Nessa perspectiva, o texto é considerado uma manifestação da linguagem, pois o homem se comunica através textos. Existem fenômenos linguísticos que são explicados apenas no interior do texto, dentre estes fenômenos se encontra a intertextualidade.

Nesse contexto, se para compreensão de determinados textos é necessário ter conhecimento de mundo, então, sabendo que os intertextos das tirinhas abordam diversas áreas do conhecimento, pode-se dizer que a compreensão dos intertextos de algumas tirinhas da Mafalda e do Armandinho fica comprometida se o interpretante não tiver conhecimentos específicos sobre áreas distintas, pois o conhecimento de mundo é necessário para entender a mensagem.

As tiras da Mafalda e do Armandinho são caracterizadas pela ironia e crítica aos acontecimentos da época em que foram criadas e, a partir disso, o humor e a crítica social são construídos. Embora as tiras da Mafalda tenham sido criadas nos anos 1960, as temáticas e assuntos abordados por Lavado (Quino) ainda são atuais, como: a crítica feita ao consumismo, à sociedade capitalista, às guerras civis, etc. Já as tiras do Armandinho são mais contemporâneas, tendo sua publicação oficial em 2010, por Alexandre Beck. Entretanto, mesmo com temas atuais, a compreensão de algumas tirinhas fica comprometida, pelo fato de serem usados intertextos da época. Portanto, fez-se necessária a identificação dos intertextos para analisar os contextos em que eram inseridos na época da criação das tiras e também poder entender o uso dos intertextos, o humor, a crítica e o sentido nas tirinhas.

Para este trabalho, foram elencados estudos que discutem assuntos relacionados ao gênero tira em quadrinho e intertextualidade *stricto sensu* – especificamente, as intertextualidades implícitas e explícitas, tendo como objetivo investigar e analisar as ocorrências destes tipos de intertextualidade como

característica fundamental para a construção do humor e criticidade nas tirinhas do Armandinho e Mafalda.

Para compor o *corpus*, foram selecionadas 3 (três) tirinhas que contenham intertextualidade, da obra Toda Mafalda, do argentino Joaquín Salvador Lavado (Quino), e 3 (três) tiras do Armandinho, de Alexandre Beck, retiradas da página do instagram do personagem. Após a seleção do *corpus*, foi realizada a análise, adotando a perspectiva da intertextualidade explícita e implícita, abordada por Koch (1994; 2007). Foram estudados os intertextos e como são usados para promover o humor e crítica social por meio das falas dos personagens.

Além dos autores supracitados, toda pesquisa bibliográfica se baseia nas perspectivas teóricas de autores como Frasson (1992), Ramos (2007), Koch (1994; 2007; 2018), Ferreira (2010), Cavenaghi (2011), Catto (2012), Antunes (2017) e Elias (2018).

A Intertextualidade

O conceito de intertextualidade originou-se na década de 60, inicialmente, na Teoria Literária, tendo como precursora a crítica literária Julia Kristeva. Trask (2004), citado por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), diz que, nessa mesma década, o termo intertextualidade era aplicado aos casos em que uma obra literária faz alusão a outra obra literária.

Com o surgimento da Linguística textual Koch (1994), também na década de 60, o termo intertextualidade passou a ser estudado por outra perspectiva, dessa vez, não mais apenas nos casos de alusão entre obras literárias, mas também como fator de textualidade. A partir da década de 80, os estudos sobre as Teorias de Texto passaram a ser mais aprofundados e a Linguística de Texto passou a ter várias vertentes e representantes, dentre estes pode-se mencionar Beaugrande & Dressler que apontam a intertextualidade como sendo um “critério ou padrão de textualidade” (Koch, 1994).

Koch (1994) diz que a Linguística Textual tem o texto como objeto de investigação, pois este é considerado “a unidade básica de manifestação da linguagem”, tendo em vista que “o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto”, dentre estes fenômenos podemos encontrar a intertextualidade que é tida como um dos fatores de textualidade.

Nessa conjuntura, no processo de leitura, segundo Elias e Koch (2018), a intertextualidade é um de seus elementos constituintes, visto que,

Identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento de leitor, do seu repertório de leitura (...) Também é importante destacar que a inserção de “velhos” enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos. É verdade bque a nova produção trará os ecos dos textos-fonte e estes se farão ouvir mais –ou menos- dependendo dos conhecimentos do leitor (Elias; Koch, 2018, p.78 e 79).

Assim, para produção e recepção de determinado texto, os interlocutores precisam do conhecimento de outros textos para uma efetiva compreensão. Será por meio desse conhecimento intertextual que o leitor perceberá os textos estabelecem uma relação entre eles mesmos, seja implícita ou explicitamente.

Sobre a concepção de intertextualidade, Antunes (2017, p. 120) diz que

Na verdade, trazer partes de um texto para outro constitui um processo que, normalmente, envolve operações de: (a) recapitular –trazer à memória o texto de outro; (b) remontar –buscar outra visão para o ponto em questão; (c) reenquadrar –adequar essa outra visão ao novo quadro ou ao novo contexto; (d) conformar –fazer o texto em elaboração ajustar-se aos modelos de texto socialmente reconhecidos.

Antunes (2017) aborda tais operações para mostrar que, na construção de um novo texto, se faz necessário mais do que uma “simples reutilização de um texto anterior”. Afinal, ninguém cita por citar, sempre haverá um propósito no ato de retomar a palavra do outro, que trará valor e novo sentido ao texto constituído por intertexto.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) apontam a existência da intertextualidade ampla ocorre quando esta é “constitutiva de todo e qualquer discurso” e a intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando em um texto há a inserção de um intertexto produzido anteriormente, ou seja, na intertextualidade *stricto sensu* há a presença de intertextos que fazem parte de uma “memória social de uma coletividade ou memória discursiva dos interlocutores”. Há vários tipos de intertextualidade *stricto sensu*: intertextualidade temática, intertextualidade estilística, intertextualidade explícita, intertextualidade implícita, dentre outras. Porém, focarei apenas nas intertextualidades explícita e implícita, que são o objeto de estudo deste trabalho.

Intertextualidade explícita

A intertextualidade explícita acontecerá quando em determinado texto houver a menção de outro texto (intertexto), ou seja, há a presença explícita de intertexto. Os casos de intertextualidade explícita são encontrados nas “citações, menções, resumos, resenhas, traduções” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 28).

Intertextualidade implícita

A intertextualidade implícita ocorre nos casos em que não é realizada a citação explícita da fonte, deste modo, é função do interlocutor recuperar a fonte em sua memória para que a construção do sentido do texto não seja prejudicada. Os intertextos implícitos podem aparecer através de paráfrases, alusões, “enunciados parodísticos e/ou irônicos”. A intertextualidade implícita pode ocorrer por meio de duas formas: *subversão* e *captação*, para Grésilon e Maingueneau, ou *intertextualidade das diferenças* e *intertextualidade das semelhanças*, para Sant’Anna (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 30). A *subversão* estará

presente nos casos de “enunciados parodísticos e/ ou irônicos, alusões, apropriações, reformulações, inversão da polaridade afirmação/ negação”, nestes casos de intertextualidade estima-se que o interlocutor ative o texto-fonte para a construção do sentido do texto. A *captação* acontecerá em casos de paráfrases próximas do texto-fonte, fazendo-se necessária a reativação do texto original, porém, quando a *captação* se tratar de uma paráfrase fiel ao texto-fonte, a recuperação dos intertextos será menos exigida para construção do sentido.

Tiras em quadrinho

Catto (2012), na sua dissertação de mestrado, concebe a tira em quadrinho como sendo um gênero discursivo que, segundo Miller (1984), é delimitado como ação social, já Swales (1990) define o gênero discursivo como um evento comunicativo. Sobre isso, Ramos (2012), citando Maingueneau (2002), diz que embora a organização textual seja um elemento do gênero do discurso, este não se limita à organização do texto, havendo várias características que também definem o gênero do discurso, tais como: finalidade, lugar e momento onde ocorre, suporte material (televisão, diálogo, rádio, jornal); acrescentando que há um contrato comunicativo entre locutor e interlocutor, sendo que ambos “exercem papéis definidos na situação comunicativa”.

Ramos (2012) diz que as tiras são caracterizadas por seu formato fixo, de uma coluna na horizontal, contendo um ou dois andares, utilizando-se poucos quadrinhos devido à limitação do seu formato, os personagens podem ser fixos ou não e, na maioria das tiras, há uma tendência de ser criado um desfecho inesperado e o tema abordado ser sobre humor. O autor também diz que as narrativas das tiras podem ter continuidade temática em outras tiras e que é comum aparecer o título e o nome do autor nas tiras de jornais, pois, no caso das tiras publicadas em coletâneas, tais informações são suprimidas, devido já aparecerem na capa da obra.

Segundo Ferreira (2010), as tiras possuem uma sequência narrativa, sendo que através do uso de diálogos é contada uma história completa, trazendo o clímax no último quadrinho. No caso das tiras de humor, o desfecho é inesperado, podendo ser ingênuo ou crítico. As tiras possuem caráter narrativo, mas nem todas podem ser caracterizadas apenas pelo processo narrativo, pois, na maioria dos casos das tiras de humor, estas são caracterizadas por seus enunciados irônicos e por sua abordagem crítica sobre determinados assuntos.

As tiras da Mafalda e Armandinho são o *corpus* desta pesquisa e, em detrimento disso, os dois subtópicos seguintes apresentam o surgimento das tiras dos personagens e seus respectivos conteúdos abordados.

Mafalda

Na década de 1960, foi criada a personagem Mafalda, pelo argentino Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino. Lavado combinara o senso de humor rico com comentários astutos/ sagazes através de uma menina precoce de seis anos de idade, que sempre estava preocupada com questões sociais como, por exemplo, injustiça, guerra, armas nucleares, racismo e o planeta (CATTO, 2012).

Segundo Casado e Oliveira, Quino era

[...] um pessimista com a política. Mas sua personagem é a América Latina. Com suas qualidades e defeitos. Por isso é perene. O constante questionamento de Mafalda mostra sua recusa em ser integrada no mundo adulto que condena. Por outro lado, sua precocidade permite compreender, melhor que os mais velhos, o mundo presente. (MOYA, 1993, p. 185 *apud* CASADO e OLIVEIRA).

Por refletir algumas características de Quino, Mafalda ficou conhecida como uma criança já crítica e contestadora.

Mafalda é uma criança que não se contentava com a realidade da sociedade. Para Batista, citado por Catto, ela é uma anti-heroína, pois não tem a intenção de salvar vidas, mas criticar a sociedade. Através de seus comentários, Mafalda reflete as inquietudes sociais e políticas da sociedade. As temáticas abordadas nas tirinhas da Mafalda podem ser justificadas pelo fato de sua criação ter coincidido com um momento muito difícil para a Argentina, que vivia cercada pela pobreza, por golpes militares e ditaduras (SILVA, 2010, p. 12 *apud* CATTO, 2012).

Mafalda estreou em 29 de setembro de 1964, coincidente e ironicamente no mesmo ano do golpe militar brasileiro que culminou na ditadura no país. Sua aparição nas primeiras tiras era apenas com seu Pai Tomás. Após um tempo, ainda em 64, surgiu sua Mãe Raquel. Em 1965, seu o amigo Felipe surge nas suas historinhas. Ao longo do tempo, Quino acrescentou outros personagens as tirinhas, os quais mais se os quais mais se destacaram foram: Felipe, criado em 19 de janeiro de 1965, é sonhador e, embora não goste da escola, tem um senso de responsabilidade; Susanita, que surgiu em 6 de julho de 1965, como a representação da mulher burguesa que vislumbra constituir família, o oposto de Mafalda ao representar a visão tradicional da mulher submissa; Manolito que foi criado em 29 de março de 1965, um menino materialista e ambicioso, cujo é a representação das ideias capitalistas e conservadoras; Miguelito que teve seu surgimento em 1966, também é sonhador, embora tenha o hábito de fazer perguntas intrigantes a respeito da realidade.

Armandinho

O ilustrador Alexandre Beck, criador do personagem Armandinho, nasceu em Santa Catarina, em 1972, e se graduou em agronomia e comunicação social. Beck pratica sua arte desde criança e já foi premiado, em 1985, na bienal de Kanagawa, no Japão. O artista exerceu sua função na área de

comunicação social no Diário Catarinense, nos anos de 2000 a 2005, atuando como ilustrador. Nessa mesma época, foi iniciado seu trabalho com quadrinhos educativos.

O personagem Armandinho surgiu no dia 9 de outubro de 2009, quando Alexandre Beck foi solicitado pelo Diário Catarinense República, para ilustrar uma matéria de economia referente a pais e filhos, que seria publicada logo no dia seguinte. Com um curto prazo, Beck reaproveitou uns rabiscos de outro trabalho de sua autoria, traçou uns pares de pernas que simbolizariam os pais da criança. Assim, surgiu o menino de cabelos azuis e personalidade gentil e contestadora.

O personagem passou a fazer parte de uma coluna no jornal e foram os próprios leitores que escolheram o nome do menino por meio de um concurso, o qual foi vencido por uma professora que dizia que o menino parecia estar sempre “armando” nas historinhas. No dia 17 de maio de 2010, foram publicadas as últimas tirinhas da República, mas o artista continuou seu trabalho com o “menino de cabelo azul” chamado de Armandinho.

Alexandre Beck reuniu todas suas tirinhas criadas em 2010, até o início de 2011, junto a algumas que foram publicadas pela República, incluindo as que foram feitas para a matéria sobre economia em 2009, e compilou seu primeiro livro de tiras “Armandinho Zero” em 2013. No entanto, mesmo antes da publicação, o personagem já havia ganhado destaque e conquistado muito leitores. As redes sociais, como instagram e facebook já possuem milhões de seguidores.

As Tirinhas de Armandinho foram confeccionadas em histórias em quadrinhos (HQs) que abordam sobre diálogos cotidianos de um menino, com aproximadamente sete anos, acompanhado de seu sapo de estimação. O personagem, por vezes, é comparado a outros personagens infantis de HQs, como Calvin por suas aventuras, e Mafalda por sua personalidade contestadora sobre o mundo.

O personagem conquistou o público devido seu poder empático, que aborda desde questões relacionadas à valorização dos direitos até preservação do meio ambiente. O próprio Alexandre Beck disse, durante sua participação no evento sobre ativismo artístico em prol dos Direitos Humanos que ocorreu na Unicamp, que não quer seu trabalho como um entretenimento, pois as tirinhas são o meio de conscientizar os indivíduos sobre questões sociais importantes.

As fala e os gestos dos personagens das tiras do Armandinho expressam a inocência, por meio de expressões semelhantes a linguagem infantil, que é carregada de curiosidade e sinceridade. No entanto, embora tal linguagem seja articulada por um adulto, por se tratar de um personagem criança, é mantida sua característica observadora, amável e esperançosa. Além disso, Armandinho carrega consigo sua personalidade forte e crítica, mas que encanta aos leitores por estar representada por uma criança.

Os principais personagens da turma do Armandinho são: seu pai e mãe, que são representados apenas pela presença de suas pernas nos quadrinhos; Fernanda, que é sua amiga e também considerada como outra personalidade (alter ego) de Armandinho; Pudim, que é um menino mais inquieto e gosta de provocar aos outros; O sapo, que é o animal de estimação de Armandinho; Camilo, um menino negro

que tem a consciência do meio racista em que vive e se limita em determinadas situações para evitar abordagens preconceituosas.

Metodologia

O método adotado para a realização desta pesquisa é qualitativo, com abordagem bibliográfica. Nessa perspectiva, para melhor explicar sobre o método escolhido, me basearei no que aborda as pesquisadoras Silveira e Córdova (2009, p. 31), que afirmam os métodos qualitativos como meio de “explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito”, fato este que está presente nas análises do *corpus* desta pesquisa pelo fato de se buscar explicar o porquê e como é feito os processos de intertextualidade explícita e implícita, bem como isto contribui para construção do humor e compreensão das tiras. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, há o intuito de obter dados mais aprofundados e que sejam capazes de extrair informações novas e relevantes que podem auxiliar futuras pesquisas.

Nesse contexto, destaco o fato desta pesquisa, embora também tenha abordagem bibliográfica, se objetivar em estudar o fenômeno da intertextualidade para descrever, compreender e explicar a presença deste como fator elementar para construção do humor, crítica social e compreensão do sentido expresso nas tiras elencadas para análise. Além disso, dada a contínua inserção das HQs nos variados níveis de ensino, desde o básico ao superior, e a amplitude nas possibilidades de usos de tais tiras nas diversas áreas de ensino, somado ao fato do gênero textual Tira em Quadrinho ser contemplado em capítulo de livros didáticos de ensino de Língua Portuguesa, fez necessária esta pesquisa sobre as abordagens intertextuais como ferramentas imprescindíveis para inferências e compreensão das tiras, apontando também para o cuidado que se deve ter ao interpretar tiras que contenham intertextos.

Para abordagem bibliográfica, a pesquisa foi baseada nas perspectivas teóricas de autores como Frasson (1992), Ramos (2007), Koch (1994; 2007; 2018), Ferreira (2010), Cavenaghi (2011) e Catto (2012) Antunes (2017), Elias (2018), que dão ênfase aos estudos sobre intertextualidade e gênero tira em quadrinho. O *corpus* é composto por 6 tirinhas que contêm intertextualidade, 3 tiras da obra *Toda Mafalda*, do argentino Joaquín Salvador Lavado (Quino), e outras 3 tiras do *Armandinho*, do brasileiro Alexandre Beck, retiradas da página do *instagram* em que são divulgadas as tiras do personagem. O critério para seleção das tiras da *Mafalda* foi o conteúdo simples, que tivesse humor, ironia e crítica, com intertextos mais marcados. Já no caso das tiras do *Armandinho*, optei pelas tiras tivessem intertextos e que carregassem crítica social e ironia.

Análise de corpus

As análises estão entremeadas pela descrição de cada cena das tiras. No entanto, é válido frisar que os quadros das tiras da *Mafalda* possuem uma descrição mais fluída e rica em detalhes. Já, no caso

das tiras do Armandinho, o detalhamento das cenas não é recorrente, uma vez que há pouca movimentação dos personagens nos quadrinhos. Desse modo, para a descrição dos quadros das tiras do Armandinho não ficar repetitivo e exaustivo, optei por descrever as cenas de modo mais amplo.

Tiras da Mafalda

Tira 1



Fonte: Obra *Toda Mafalda*.

Esta tira é composta por três quadrinhos, que apresentam uma sequência narrativa completa. No primeiro quadrinho, Mafalda aparece escutando e dançando uma música dos Beatles. Isso é percebido pelos elementos que compõem este quadro, como o símbolo de nota musical próximo ao rádio e o balão de fala de personagem que sai do rádio, contendo um trecho escrito da música *I'm Looking Through You*, da banda *The Beatles*, indicando que o rádio está reproduzindo tal música ouvida por Mafalda, já os traços ao redor do corpo de Mafalda e o cabelo dela dão movimento à imagem e indicam que a personagem está dançando. *The Beatles* foi uma banda de rock britânica que teve início de carreira na década de 60 e fez grande sucesso no mundo, mesma época em que foi criada a personagem Mafalda. Ainda no primeiro quadro, observa-se a expressão facial de Mafalda, que aparece feliz e gostando muito da música, isso porque ela é fã da banda *The Beatles*. Já Manolito apresenta expressão facial de desagrado, permanecendo parado a observar sua amiga e com um balão de pensamento “Os Beatles!”. A expressão de Manolito indica que ele não gosta da banda.

No segundo quadrinho, Mafalda continua descontraída a dançar e escutar a música, embora ela não entenda nada do que é dito na canção. Neste mesmo quadro, Manolito, já irritado- isso é perceptível pela sua expressão facial-, questiona o fato de Mafalda gostar tanto das músicas. Para Manolito, não dava para entender o motivo de alguém gostar tanto de músicas cantadas em outro idioma, no qual não se dava para entender nem o que era dito. A partir disso, Manolito diz “Como é que você pode gostar deles se não entende o que dizem?”, questionando o gosto musical da amiga. Mafalda, bastante despreocupada e descontraída, responde Manolito com outra pergunta “E daí?”, como quem não se importasse com o fato de não entender a canção, sendo mais importante o fato dela gostar da banda *The Beatles*.

No último quadrinho, há um desfecho inesperado, quando Mafalda para de dançar, direciona-se a Manolito, dando continuidade a sua fala e diz “meio mundo gosta de cachorro e até hoje ninguém sabe

o que quer dizer AU AU”. A resposta dada por Mafalda é inusitada e inesperada, ao dizer indiretamente que não é preciso entender para gostar de algo, assim ela deixa Manolito sem argumentos.

A intertextualidade explícita acontece logo no primeiro quadrinho, quando, além de ter colocado o fragmento de uma música, o cartunista Quino faz menção direta à banda *The Beatles*, apresentando um intertexto explícito. Tais intertextos – o nome da banda e o fragmento da música- são usados como ponto de partida para o desenrolar do diálogo entre os personagens, levando a um desfecho inesperado que provoca o humor na tira. O humor acontece pela quebra de expectativa, pois, após a fala de Mafalda “E daí?”, presente no segundo quadrinho, esperava-se que ela desse algum argumento sobre *The Beatles*, ou sobre a música escutada, para defender seu gosto musical, mas, ao contrário disso, ela usa o argumento inesperado ao dizer que as pessoas gostam de cachorro mesmo sem entender o que eles dizem, fazendo uma comparação com o fato dela gostar de uma banda mesmo sem entender o que é dito nas músicas.

Tira 2



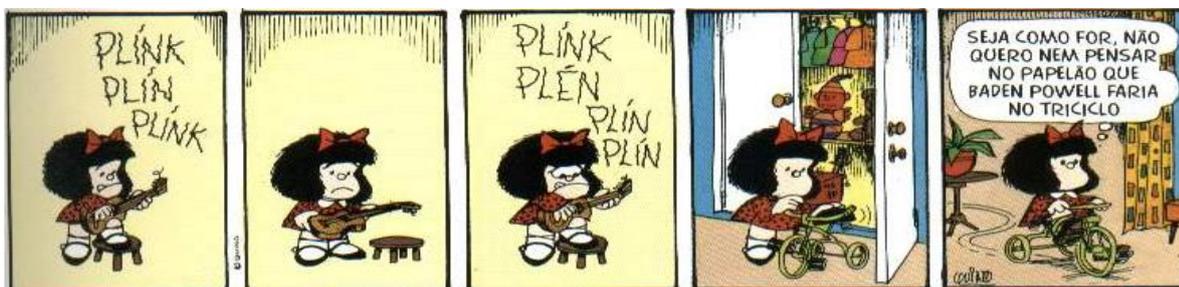
Fonte: Obra *Toda Mafalda*.

Esta tirinha apresenta quatro quadrinhos. No primeiro quadrinho, estão sentados Mafalda, Suzanita e Manolito, escutando uma história narrada por Suzanita, que segura em seus braços um brinquedo. Mafalda e Manolito aparecem atentos ao que Suzanita fala. No segundo quadro, aparece apenas Suzanita, que continua a contar história. A expressão da personagem neste quadrinho é de satisfação, sendo isso percebido pelo fato dela estar de olhos fechados, como se estivesse visualizando mentalmente a cena narrada, e sorriso nos lábios, comprovando sua alegria em contar a história. No terceiro quadro, acontece algo inesperado, Manolito interrompe a fala de Suzanita e diz algo fora do contexto da história contada. Suzanita olha decepcionada para Manolito, isso é perceptível pela sua expressão facial. Já Mafalda aparece olhando apática para Manolito. No último quadro, aparece Manolito correndo, como se fugisse de suas colegas. Percebe-se que Manolito corre a partir da posição de suas pernas e pelo risco que aparece na direção que sai do canto superior esquerdo e vai até em cima da cabeça de Manolito, indicando a distância que o brinquedo foi arremessado para atingi-lo. Nesta última cena, percebe-se que Suzanita jogou seu brinquedo na cabeça de Manolito, possivelmente por achar um absurdo a falta de romantismo dele.

A intertextualidade acontece logo no primeiro e segundo quadrinhos. O intertexto implícito remete a história da Cinderela, que é a única personagem de contos infantis que perdeu o sapatinho e o príncipe saiu calçando-o no pé das moças do reino para encontrar sua amada. A intertextualidade implícita desta tira ocorre por meio de uma paráfrase fiel do texto-fonte que é a história de Cinderela. Embora haja esta paráfrase, é necessário que o leitor conheça a história da Cinderela para compreender a relação entre tal história e as falas de Manolito nos quadros seguintes.

Nos dois últimos quadrinhos, a partir do que é dito por Manolito, acontece o humor. Manolito é filho de comerciante e tem sua educação voltada para finanças. Assim como seu pai, Manolito visa à obtenção de lucros, por isso a maioria de seus pensamentos e comentários são voltados ao comércio. Isso justifica o fato de Manolito interromper a narração de Suzanita com um comentário relacionado ao comércio, quando ele diz “abriu uma filial do Dr. Scholl!”. Esse Dr. Scholl é o fundador de uma empresa que fabrica produtos voltados para o conforto dos pés, desde palmilhas a sapatos e sandálias. Como na história narrada por Suzanita, o príncipe percebeu que ninguém conseguia calçar o sapatinho, Manolito - com sua visão comercial- achou que o príncipe deveria abrir uma filial da marca Dr. Scholl, para poder lucrar com a venda de produtos. Suzanita fica contrariada com o fato do personagem fazer um comentário nada romântico e pensar apenas em dinheiro e comércio, por isso ela arremessa seu brinquedo contra Manolito, que sai resmungando pela falta de visão comercial de sua colega. O cômico acontece pelo comentário inesperado de Manolito, relacionando o intertexto implícito - fragmento da história da Cinderela - com a marca Dr. Scholl. Para a tira ter humor é necessário que os leitores percebam o intertexto, saibam a que história pertence e também saibam que Dr. Scholl é uma marca de produtos de podologia. Assim, ao entenderem a relação estabelecida entre os fatos supracitados, os leitores perceberão o cômico na tira.

Tira 3



Fonte:

Obra *Toda Mafalda*.

O primeiro quadrinho desta tira apresenta Mafalda tentando tocar um violão, mas parece que o som produzido soa desafinado, isso é percebido pela expressão facial da personagem e pela onomatopeia escrita “plink plín plik”. No segundo quadro, Mafalda para de tocar o violão e parece desapontada por

não conseguir reproduzir uma sonoridade que lhe agradasse, logo isso é notório pela expressividade facial dela, com boca curvada para baixo, olhar sério e cabisbaixo direcionado ao violão que está em suas mãos.

O terceiro quadrinho já apresenta Mafalda tocando novamente seu violão, óbvio que ela não desistiria de tentar melhorar sua habilidade de dedilhar e reproduzir uma musicalidade agradável, mas, infelizmente, o som soa desafinado – fato este percebido pelo uso das onomatopeias “plínk plén plín plín”- e Mafalda parece apreensiva e insistente na tentativa – isto é notório pela expressão de seu rosto, com olhos arregalados e lábios comprimindo a própria língua que está para fora de sua boca. Aparentemente, a personagem iria insistir em tocar seu instrumento até que melhorasse sua habilidade, mas o quarto quadrinho se revela o oposto. No quarto quadrinho, Mafalda já não está mais como posse de seu violão e aparece retirando seu triciclo do armário no qual estava guardado.

O quinto quadrinho revela o intertexto explícito na fala de Mafalda, que, ao andar no seu triciclo, diz que Baden Powell faria um “papelão” no triciclo. Baden Powell é o intertexto presente na tira, que se faz necessário reconhecer quem é este homem mencionado pela personagem para entender a relação com o fato de Mafalda parar de tocar violão, ir andar de triciclo e ainda dizer que tal homem faria um “papelão”. O fato é que Baden Powell é reconhecido como um dos maiores violonistas e compositores de todos os tempos na música brasileira, que ficou conhecido mundialmente por ter se tornado referência no que diz respeito ao seu talento com violões e por sua música ter rompido ideias que separam o erudito do popular, inserindo em suas músicas as raízes afro-brasileiras e regionais do Brasil.

O último quadro, por meio do intertexto e a relação estabelecida no contexto situacional vivido pela personagem, apresenta certo sarcasmo na fala de Mafalda, dado o fato de ela estar descontente por não ter conseguido tocar violão tão bem quanto Baden Powell e ainda comparar sua habilidade em andar de triciclo com a habilidade de Powell em tocar violão. Em sua fala, Mafalda sugere que ela pode até não ser ótima violonista como Powell, mas que com certeza ela é muito melhor que o músico no que diz respeito a andar de triciclo, tanto que ele passaria vergonha caso tentasse usar tal veículo. Para atingir ao objetivo de compreensão da tira, percebe-se a importância da identificação do intertexto, como ele foi inserido para criar o sarcasmo e possível humor por Mafalda, tão pequena e audaciosa, dizer ser melhor que Powell no triciclo.

Tiras do Armandinho

Tira 1



Fonte: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/>

A presente tira é composta por três quadrinhos, os quais abordam sobre uma polêmica que envolveu Damares Alves, que é responsável pelo ministério da mulher, da família e dos direitos humanos, alvo de muitas críticas devido aos seus pronunciamentos de cunho preconceituoso e, durante seu discurso de posse do ministério, disse que meninas devem vestir rosa e meninos devem vestir azul, como se o uso de tais cores fosse o que identificaria a qual gênero pertence cada pessoa. Explanarei melhor sobre isso nos próximos parágrafos.

O primeiro quadro mostra Dinho (Armandinho) e Fê (Fernanda) caminhando. Fê usa blusa azul e segura um guarda-chuva azul, Armandinho usa blusa rosa. Na cena, Fernanda diz “Eu gosto de azul”. No segundo quadrinho, os personagens continuam caminhando e Dinho diz “cada um usa o que gosta, ora!”, expondo seu posicionamento crítico diante da situação. Já, no terceiro quadro, ainda acompanhado por sua amiga, Armandinho dá continuidade a sua fala e expõe a ironia quando diz “tem até quem use laranja”. É imprescindível observar que a vestimenta de Fernanda e Armandinho reforça a crítica presente na tira.

A tira apresenta uma intertextualidade implícita, no primeiro quadrinho, por meio da fala da personagem Fê, que faz referência ao que foi dito por Damares Alves durante seu discurso de posse do ministério já supracitado e em um vídeo publicado na internet, que causou bastantes discussões. Em sua fala no vídeo, Damares diz “Menino veste azul e menina veste rosa. Atenção, atenção: é uma nova era no Brasil”. Isso repercutiu no em todo país e expos o preconceito da deputada e de uma parcela da sociedade que a apoiou. O fato é que a cor da roupa não define o gênero de uma pessoa e cada um deve vestir o que lhe agrada, ideia esta explanada pelo diálogo dos personagens.

O humor fica acentuado pela ironia e crítica no último quadro, quando Armandinho faz referência a um dos escândalos no atual governo brasileiro, o qual o partido PSL, o mesmo do presidente, foi acusado por usar candidatos de fachada, popularmente chamados de “laranjas”, para desviar verbas eleitorais. O acontecimento em questão foi, inclusive, bastante noticiado pela mídia. O que ocorreu foi ainda durante as campanhas eleitorais, em que mulheres receberam proposta do partido PSL para se

candidatarem e repassarem parte da verba recebida para o fundo eleitoral do partido. O jornal G1, apontou Marcelo Álvaro Antônio, ministro do Turismo, e Gustavo Bebianno, ex-ministro da Secretaria-geral da Presidência, além do deputado federal Luciano Bivar, que é presidente do PSL, como principais envolvidos no esquema e alvos de investigação. A questão é que o presidente Bolsonaro sempre alegou que sua campanha eleitoral foi a mais barata da história e que ele e o partido PSL não são envolvidos em corrupção, inclusive, uma das ideias defendidas em sua campanha eleitoral era um Brasil livre de corrupção. No entanto, após meses das eleições tais políticos foram acusados e o presidente sequer fez algo, logo, compactuando com isso. Nessa perspectiva, é notório que essa palavra “laranja” na fala de Armandinho não remete à cor da roupa, mas as pessoas usadas como “laranjas” para desvios de verbas públicas.

Tira 2



Fonte: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/>

A segunda tira tem 3 quadrinhos em que Fê e Dinho conversam sobre um acontecimento de dezembro de 2019, o qual o presidente do país chama de "pirralha" a ativista Greta Thunberg por ela criticar a morte de índios Guajajaras no estado do Maranhão. O primeiro quadro mostra Fernanda e Dinho conversando frente a frente, ambos estão em pé. Fernanda diz “ele a chamou de “pirralha”, acredita?”, a personagem parece inconformada com que aconteceu, afinal chamar de "pirralha” uma adolescente ativista não é uma postura política esperada de um presidente.

O segundo e terceiro quadros reforçam a ideia de que Fernanda desaprova a atitude do presidente. No segundo quadro, ainda em pé e parada conversando com Dinho, ela diz “é um belo exemplo de que idade...”, tendo sua fala continuada no terceiro quadrinho, enquanto ela e Dinho caminham para sair de cena e ela finaliza dizendo “... Não é sinônimo de maturidade!”. Fernanda se refere falta de maturidade do presidente ao lidar com a crítica da adolescente de 16 anos Greta Thunberg.

O intertexto dessa tira é “pirralha” e aparece logo no primeiro quadrinho. Embora o intertexto não apareça explicitamente, sendo destacado pelo uso das aspas, a compreensão dependerá do conhecimento de mundo do leitor, especificamente do saber a respeito da situação em questão, a qual o presidente durante uma entrevista foi questionado sobre o que é Greta Thunberg falou a respeito da morte dos Índios no estado do Maranhão. Alguns dias que antecederam o corrido, Greta disse que os índios são importantes e que devemos protegê-los. A jovem é uma ativista na causa de questões ambientais e tem tecido

duras críticas qual presidente brasileiro. Na entrevista mencionada, o presidente rebateu a crítica dizendo: “é impressionante a imprensa dar espaço para uma pirralha dessa aí. Pirralha”. Greta utilizou a mesma denominação “pirralha” como meio de provocar e rebater a atitude deplorável do presidente, assim a ativista mudou a descrição no seu perfil do Twitter para “pirralha”.

A crítica é evidente no segundo e terceiro quadrinhos, esta se refere ao despreparo do presidente por não saber receber críticas e nem buscar melhorias para o povo brasileiro. É sabido por muitos que sempre houve conflitos entre índios e fazendeiros pela disputa de terras no território da Amazônia. Além disso, também se sabe que os índios, mesmo com suas terras demarcadas e antes protegidas por algumas instituições do governo, sempre tiveram seu espaço invadido por pecuaristas e empresários do agronegócio, assim havendo uma dizimação do povo indígena. Após assumir o governo, o presidente realizou mudanças drásticas, como incorporar o ministério do meio ambiente ao ministério da agricultura -sendo como colocar a raposa para cuidar das galinhas-, deste modo, tal decisão corroborou para um considerável aumento dos assassinatos e ataques aos índios que se mantiveram em suas terras. Ao ser criticado, o mínimo que se espera de um presidente é que ele proponha melhorias, mas, ao invés disso, o presidente age de modo prepotente e denomina como “pirralha” autora da crítica.

Tira 3



Fonte: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/>

Esta tira é composta por três quadrinhos os quais remetem ao escândalo relacionado a Fabrício Queiroz e o deputado Flávio Bolsonaro. No primeiro quadrinho, aparece apenas Armandinho e o seu sapo de estimação. O personagem, embora apareça sozinho na cena, cumprimenta alguém, sendo isto expresso pela fala “quem é vivo sempre aparece!” Armandinho parece contente ao ver tal pessoa, pois ele sorri ao cumprimentá-la, isto é percebido pela expressão facial do personagem.

O enquadramento da cena do segundo quadrinho mostra Armandinho e um homem que aparece de costas para um menino e segura uma sacola com laranjas. Neste quadrinho, Armandinho dá continuidade a sua fala e diz “por onde o senhor andou?”. Esta fala de Armandinho reforça a ideia de quem seja esse homem presente na cena, o qual aparece apenas metade de seu corpo. Tanto a fala do personagem quanto as laranjas seguradas pelo homem em questão são informações fundamentais para interpretação desta tirinha.

No terceiro quadrinho, ainda segurando uma sacola com laranja, o homem aparece de frente para Armandinho, este que, como um bom contestador que é, continua a questionar e diz “o que o senhor tem para nos contar?”. Em todas as cenas Armandinho parece entusiasmado pelo reaparecimento deste homem, afinal apenas ele poderia prestar esclarecimentos importantes sobre determinada situação que envolve políticos, fato este que será explanado a seguir.

Esta tira traz elementos que se referem em ao “Caso Queiroz”, como o objeto segurado ser uma sacola com laranjas e as falas do Armandinho subentenderem que este homem estava desaparecido por um tempo, assim como ocorreu com Fabrício Queiroz. O caso mencionado foi noticiado em todos os jornais brasileiros e até na imprensa internacional. O site do jornal "El país" fez uma reportagem completa, a qual diz que Fabrício Queiroz era responsável por receber em sua conta bancária a devolução de parte do salário pago aos funcionários que trabalhavam para Flávio Bolsonaro, o repasse deste dinheiro era requisito para que tais funcionários tivessem a garantia de que seriam novamente contratados. Após investigações realizadas pelo Ministério Público, documentos comprovaram que foram feitas movimentações bancárias entre as contas de Queiroz e Flávio Bolsonaro, as quais ocorreram em quase um milhão de depósitos bancários fracionados. Na época, os esclarecimentos dados não foram convincentes. Paralelo a isso, Queiroz, que era ex-assessor do deputado, desapareceu para evitar ser questionado, fato este levantou mais suspeitas e o Brasil perguntava “cadê Queiroz?”. Assim, Queiroz foi acusado de servir como “laranja” para o deputado.

O intertexto explícito aparece no primeiro quadrinho, por meio do conhecido dito popular “quem é vivo sempre aparece!”. Além disso, considero a imagem das laranjas como o intertexto que surge implicitamente para se referir ao ex-assessor do deputado Flávio Bolsonaro, que foi acusado de exercer funções ilícitas como “laranja”. A crítica à situação em questão é evidente, haja vista que a família Bolsonaro foi eleita por pregar em a honestidade e o combate à corrupção. No entanto, irônica e contraditoriamente, após as eleições, todos foram envolvidos em algum escândalo político que envolve a corrupção.

Considerações finais

A análise do *corpus* evidencia que a intertextualidade é usada como recurso para causar humor e também realizar uma crítica social. Baseio-me no que diz Antunes (2017), que abordei no tópico sobre intertextualidade, para afirmar que o intertexto, quando inserido na tira, passa pelos processos de recapitulação, remontagem e reenquadramento, haja vista que, para compreensão final do sentido expresso nas tiras, o intertexto retoma outro texto para se buscar outra visão que deverá ser adequada a um novo contexto, sendo a partir disso construído um novo sentido para o intertexto e compreensão final da tira.

É *mister* dizer que o humor só acontecerá e crítica social somente será validada se o leitor compreender a relação estabelecida entre o intertexto e as demais falas dos personagens presentes nas tiras. Para isso, é necessário que o leitor, além de identificar o intertexto explícito ou implícito, tenha conhecimento enciclopédico, que diz respeito ao seu conhecimento de mundo. A intertextualidade implícita é a que mais requer tal conhecimento, sendo preciso que o leitor o busque em sua memória para identificar o intertexto, associá-lo com o que é abordado na tira e, assim, conseguir fazer as inferências necessárias para construir o sentido e compreensão do que foi dito.

A tira em quadrinho é um gênero que possui vários elementos, sendo fundamental observar todos os elementos para compreender o conteúdo expresso na tira. As tiras possuem vários quadrinhos que constituem uma sequência narrativa, por isso os leitores devem observar elementos como as expressões corporais e gestuais dos personagens, os balões de falas e pensamentos, a forma na qual as falas estão escritas e todas as imagens usadas na composição da tira..

Tendo em vista que a linguagem e o processo de comunicação não é apenas uma mera repetição de ideias, sendo de suma importância a reflexão crítica a respeito do que é assimilado e absorvido como aprendizado, considero fulcral a utilização de tiras da Mafalda e do Armandinho no ensino de LP, de modo que jamais sejam apenas limitadas a uma análise gramatical contextualizada das falas dos personagens, mas que sejam abordadas como um meio de atividade de interação com a realidade vivenciada e como forma de ação social de conscientização dos indivíduos.

Sob essa perspectiva, a leitura de tiras pode ser uma ferramenta poderosa para o estímulo e incentivo à leitura de gêneros textuais mais extensos. No caso das tiras da Mafalda e Armandinho, usadas no âmbito escolar, é provável a fácil aceitação do público infanto-juvenil no que diz respeito ao gosto pela leitura de tais tiras, principalmente pelo fato dos personagens serem crianças que possuem uma visão diferenciada do mundo e fazem contestações até mesmo ingênuas, que permitem com que tal público se identifique e passe a adotar tais tirinhas como uma leitura fixa. Nesse caso, ao longo do tempo, com a prática da leitura das tiras da Mafalda e Armandinho, os jovens teriam uma melhoria na percepção crítica relacionada ao cotidiano, principalmente se tais tiras fossem analisadas durante o ensino de Língua Portuguesa.

Referências

ALESSI, Gil. Caso Fabrício Queiroz. El País, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/21/politica/1548093875_180934.html. Acesso em: 27/12/2019.

ANTUNES, Irlandé. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. São Paulo: Parábola, 2017.

BOLSONARO chama Greta Thunberg de pirralha por criticar morte de índios. Carta Capital, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-chama-greta-thunberg-de-pirralha-por-criticar-morte-de-indios/amp/>. Acesso em: 27/12/2019

- CATTO, Nathalia Rodrigues. *Uma análise crítica do gênero multimodal tira em quadrinho: questões teóricas, metodológicas e pedagógicas* (Dissertação). Santa Maria- RS: UFSM, 2012.
- CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha. *Mafalda: humor, ironia e intertextualidade*. Londrina: UEM, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Ana%20Raquel%20Abelha%20Cavenaghi.pdf>. Acesso em: 2 dez 2019.
- CERIONI, Clara. *Menino veste azul e menina veste rosa, diz Damares em vídeo*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares-em-video/>. Acesso em: 19/12/2019.
- COELHO, Cláudia; MAGI, Luzdalva S. *Conheça mais sobre a Mafalda*. Disponível em: <https://conhecimentoliteratura.com.br/conheca-mais-sobre-a-mafalda/>. Acesso em: 23/12/2019.
- ENTENDA as investigações sobre candidatos laranja. G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/29/entenda-as-investigacoes-sobre-candidatos-laranja.ghtml> Acesso em: 27/12/2019
- Disponível em: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho/>
- FERREIRA, Camilla dos Santos. *Intertextualidade e temporalidade nos quadrinhos: um estudo da charge* (Tese). Niterói: UFF, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp150471.pdf>. Acesso em: 2 dez 2019.
- FRASSON, Regina Mafalda Denardin. *Intertextualidade como recurso de argumentação*. Santa Maria: 1992. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11440/pdf>. Acesso em: 20 dez 2015.
- GOULAR, Ilsa do Carmo Vieira; RIBEIRO, Marciano Renato. *A linguagem da criança representada nas tirinhas de Armandinho, de Alexandre Beck*. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/download/678/280/>. Acesso em: 26/12/2019.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2018.
- LAVADO, Joaquín Salvador. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Editora, 2012.
- OLIVEIRA, Édison Trombeta de; CASADO, Tiago Souza Machado. *Mafalda e a mídia*. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/2-edson-e-tiago-souza-mafalda-e-midia-pdf-d417095223>. Acesso em: 10 dez 2019.
- PAIVA, Valério; MAGALHÃES, Natália. *Alexandre Beck, criador do Armandinho, fala sobre sua arte e direitos humanos*. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/03/22/alexandre-beck-criador-do-armandinho-fala-sobre-sua-arte-e-direitos-humanos>. Acesso em: 26/12/2019.
- POWELL, Philippe Baden. *Baden Powell de Aquino*. Disponível em: http://www.badenpowell.com.br/biografia/baden_powell.htm. Acesso em: 15/8/2019.
- RAMOS, Paulo Eduardo. *Piadas e tiras em quadrinhos: uma aproximação possível*. São Paulo: USP, Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/PIADAS%20E%20TIRAS%20EM%20QUADRINHOS%20UMA%20APROXIMA%3%87%3%83O%20POSS%3%8DVEL.pdf. Acesso em: 2 dez 2019.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor* (Tese). São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04092007-141941/pt-br.php> Acesso em: 2 dez 2019.

RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras, gênero e hipergênero: como os três conceitos se processam nas histórias em quadrinhos?*. São Paulo: UNIFESP. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Ramos%20\(UNIFESP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Paulo%20Ramos%20(UNIFESP).pdf) Acesso em: 1 dez 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. *A pesquisa científica*. In Métodos de pesquisa- cap 2. [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 19/08/2019.